

DRUMMOND, MÁRIO DE ANDRADE E A IDENTIDADE DA *TERRA BRASILIS*: ARTICULAÇÕES ENTRE O EIXO E A RODA

Ivan RUSSEFF*
Marcelo MARINHO**

Resumo: O estudo de influências mútuas entre artistas e intelectuais é um dos atuais e fecundos objetos de interesse por parte dos estudiosos de cultura e identidade nacional. A historiografia da crítica brasileira e internacional é farta em anotações desse gênero, e são inúmeras as tentativas de localizar as fontes em que as intelligentsias locais desalteram-se enquanto bramam sua incansável vox clamantis in deserto. Neste trabalho, buscam-se identificar, na obra de Carlos, concepções literárias de cunho nacionalista oriundas dos extensos textos epistolares enviados por seu amigo Mário ao longo de vários anos, correspondência publicada por Drummond no livro emblematicamente intitulado *A lição do amigo*.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Mário de Andrade; Intertextualidade; Identidade.

Intertexto, cultura e identidade nacional

“Sinto que o meu copo
é grande demais
e inda bebo no copo dos outros
(Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada*.)

Em correspondência datada de 1924, Mário de Andrade antecipa e vaticina as célebres idéias de Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva ao declarar a um atormentado Carlos Drummond de Andrade, ainda muito indeciso com a sua identidade literária: “Cada indivíduo é fruta de alguma coisa (ANDRADE, 1988, p. 44). Essa árvore genealógico-intertextual concebida pelo criador de *Macunaíma* não se constrói apenas com as ramas lançadas por intelectuais ou eruditos; mais generoso que seus confrades na análise de mentoraças e fontes intertextuais, Mário de Andrade inclui, entre os fatores matriciais da inteligência e da sensibilidade individuais, também o “temperamento étnico de uma dada civilização, além da própria realidade histórico-cultural em que se encontram imersos artistas e intelectuais.

* Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E-mail: irusseff@terra.com.br

** Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: biografia@gmail.com

Apesar dos riscos de uma busca reducionista de meras genealogias intelectuais, e para além do simples pastiche, é preciso divisar a resultante original desse embate entre o que é próprio e o que é alheio em qualquer obra de natureza intelectual. E será desse ponto de vista que aqui se analisam as investidas teóricas e estéticas de Mário de Andrade sobre Drummond, mormente no que toca à formação de uma identidade literária e cultural genuinamente representativa da *terra brasilis*. Teria a disposição professoral de Mário repercutido na obra de Drummond? Nas cartas trocadas por esses baluartes do Modernismo brasileiro ao longo dos anos, são fartas as pistas de leitura que deixam entrever tal possibilidade.

Em suas cartas, o intelectual de São Paulo exorta o poeta de Itabira (Minas Gerais) à publicação de seus poemas, e suas exortações surtem enfim as conseqüências desejadas. Nas próximas páginas, para análise do efeito das cartas e da obra de Mário sobre Drummond, toma-se como parâmetro o poema “Explicação”, do livro *Alguma Poesia*, publicado em 1930 e dedicado a Mário de Andrade. Esse recorte na extensa obra poética do itabirano deve-se ao limitado espaço destinado ao presente estudo: ao invés de procedermos a um sobrevôo panorâmico generalizante, faremos uma incursão particularizante para sondagem de certos detalhes poéticos e ideológicos dos versos livres de “Explicação”, com base na idéia de criação da identidade nacional por intermédio da autonomização lingüística e estética da literatura brasileira. Esses detalhes poderão ser encontrados em outros poemas do mesmo livro pelos futuros pesquisadores de relações intertextuais.

O eixo mariodeandradiano.

Tomada em seu conjunto, a obra de Mário de Andrade corresponde à produção característica de um intelectual público, incoercível e autônomo: ao lado da sua incorrigível independência intelectual, sempre sublinhada como “consciência limite de uma geração, Mário transgrediu a fronteira dos compromissos com as instâncias intelectuais públicas e buscou definir contornos mais alargados da cultura de seu país e do temperamento étnico de sua gente. Para Milton Lahuerta (1997, p. 100), Mário encarnou, nos limites extremos de sua consciência, a condição de “intelectual instituição de seu tempo, ao orientar “caminhos, dando conselhos éticos e estéticos, estabelecendo o que era válido ou não da produção cultural”. Como orientador de toda uma geração, Mário desempenhou sua mentorança sem qualquer pretensão doutrinária, constituindo-se numa peculiar liderança intelectual que contrariou a regra de comportamento apontada por Lahuerta (1997, p. 100), nos próceres do Modernismo, pouco afeitos a “veleidades pluralistas” e com “pretensões de ter explicação para todos os problemas”. Assim, em vez de se degenerar em vaidades e veleidades de “*tapejara*” termo usado por Mário para ironizar os que se arrogavam a condição de chefes do Modernismo, a liderança intelectual do autor de *Macunaíma* firmou-se sob princípios

estabelecidos por um verdadeiro código ético de conduta, cumprido de maneira metódica e criteriosa; entretanto, Mário rebatia, com pruridos de excessiva humildade, qualquer alusão a uma pretendida mentorança, como se depreende de suas manifestações públicas e até das cartas enviadas aos amigos mais íntimos, como aquela a Manuel Bandeira: "(...) creio que já bem provei a minha repugnância de ser diretor de consciência, não tenho coragem de assumir tanta responsabilidade (ANDRADE, s.d., p. 59).

Embora manifestasse, sempre que provocado, grande indisposição para com a sua alardeada liderança em especial perante os jovens intelectuais, a ascendência do poeta e teórico da rebeldia vanguardista torna-se inevitável a partir da explosão modernista de 1922, momento a partir do qual ocorre uma ampla repercussão de suas idéias. Além da publicidade em jornais e revistas, foi principalmente na correspondência trocada com os jovens de todo o país que Mário firmou-se como mentor de várias gerações: sua curiosidade intelectual obrigava-o à sintonia permanente com as vanguardas do pensamento moderno, seduzindo a juventude mais irrequieta de seu tempo. A impressão que o seu conhecimento causava era arrebatadora para aqueles tempos de provincianismo cultural. Acompanhar essa progressiva e inevitável influência sobre o ideário de sua época é de grande importância para a compreensão do pensamento da própria inteligência brasileira. Todavia, aos espíritos mais sensíveis como Drummond essa mentorança não passava sem exames severos de auto-consciência, vez ou outra glosados com bastante serenidade por Mário:

Agora raciocinemos no que você fala de minha influência sobre você. Em última análise, tudo é influência neste mundo. Cada indivíduo é fruta de alguma coisa. (...) Além do mais se tem que distinguir entre o que é influência e o que é revelação da gente própria. (...) O que carece é você não ver influência nessa identidade, mas resultância da mesma categoria. Se os meus exemplos deslancharam alguma coisa em você, se lembre sempre que você nunca me olhou com mimetismo nem servilismo graças-a-Deus, porém me critica, me pesa, escolhe e ama o que é também seu. (ANDRADE, 1988, p. 44)

Assim, ao lado do sentimento de cumplicidade desejável entre os pares, Mário sublinha a necessidade de discricão na sábença para favorecer "as tentativas alheias", fato constatável na respeitosa e solidária mentorança que exerceria entre os moços do *berçário de Macunaíma*, nas palavras de Oswald de Andrade. Em meados da década de vinte, nota-se um Mário preocupado em dar uma função mais utilitária às suas obras, de modo que pudessem servir em alguma coisa para o "amihoramento do Brasil. Em conversa epistolar com Drummond, o intelectual engajado desabafa, peremptório e pragmático:

Eu se tenho algum mérito é que em vez de pregar só, fazer idealismo, fazer teoria, tal qual Gonçalves Dias, tal qual Graça Aranha, fazer regionalismo, tal qual Veríssimo ou Lobato, agi prático, não prego faço,

pelo muito de brasil que eu tenho desta merda de Brasil. (ANDRADE, 1988, p. 44)

Pelo viés da ação dirigida para a mudança da realidade, Mário de Andrade foi aos poucos repudiando tudo o que não favorecesse a inteligência prática e interventora, procurando persuadir seus jovens correspondentes dessa convicção. É curioso o fato de que a profissão de fé nesse peculiar pragmatismo já se insinuava nas suas crônicas jornalísticas do final da década de 20, encontrando-se tal referência, de forma textual, em carta a Drummond, datada de 10 de julho de 1930, em que dizia fazer poesia “socialística, de intenção social (...) em proveito duma fixação prática nacional (ANDRADE, 1988, p. 148).

Nessa perspectiva, a *brasilidade* e a *língua brasileira* tomam por inteiro as preocupações do intelectual, no propósito de se definir a singular maneira de pensar, sentir e exprimir do povo brasileiro. Muito antes desse balanço crítico do seu destino de escritor engajado, Mário já adiantava na primeira carta enviada, ainda em 1924, ao jovem correspondente Drummond, a urgência de se dar ao Brasil o que ele ainda não tinha: uma alma (ANDRADE, 1988, p. 23).

A roda drummoniana

As investidas intelectuais de Mário sobre Drummond contribuíram para levar o poeta de Itabira a buscar os traços da personalidade ou individualidade étnica brasileira, traços secularmente rejeitados pela sociedade dominante, altamente europeizada e eurocentrada. Dessa forma, a cultura oficial – estando aí incluída a norma culta instituída como língua padrão – era para Mário de Andrade uma espécie de máscara rígida, obstáculo de “pedras e cercas de arame do caminho”, a impedir a explosão sincera do lirismo e do temperamento nacionais, idéia que se pode entrever, sob forma especular, no célebre poema “No meio do caminho”, de Drummond, cujo manuscrito foi submetido a Mário e elogiado em carta datada de 1º de agosto de 1926: “Acho isto formidável. Me irrita e me ilumina. É símbolo. (ANDRADE, 1988, p. 89).

Ao enfrentar o problema da sinceridade da língua e, por extensão, da cultura, Mário toca num dos temas mais caros aos intelectuais e artistas de todos os tempos. Perseguido pela crise de identidade do povo brasileiro, o poeta paulista culmina as suas inquietações mergulhando na ambigüidade macunaímica perante o caráter nacional, dilema de toda uma geração de modernistas. Não por acaso o poema “Explicação”, de Drummond, serve-se de termos genuinamente brasileiros como, por exemplo, “taioba”, dado pelos dicionários portugueses (como o *Dicionário de língua portuguesa* da Porto Editora) como “nome vulgar (quando se trata, na realidade, de vocábulo de origem tupi) de uma planta utilizada para alimentação humana. Esse “nome vulgar (na concepção lusófona ultra-marina) aparece nos versos

Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua
[cachaça.
Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-
[-flandres,
folha de taioba, pouco importa: tudo serve.

Nota-se que “taioba encerra a série de matérias primas formada por “cristal e “folha-de-flandres , produtos de origem européia: nessa série, observa-se a abolição da gradação hierárquica entre aquilo que representa a *terra brasilis* e aquilo que representa o alhures mítico que se tenta desmistificar: “tudo serve , diz o poema. Também o verso é comparado, de forma positiva, à “cachaça , em eco àquela crítica macunaímica ao consumo exclusivo de “burbon (*sic*) às margens do “igarapé Tietê (ANDRADE, 1979, p. 49), em terras brasileiras. Essa “cachaça representa, por óbvio, a língua e a cultura nacionais, enquanto o “burbon representa a cultura e a língua estrangeiras (notadamente francesas) consumidas sob forma de corruptela (em sua forma reduzida e efêmera) pelos intelectuais brasileiros: “que abundância francesa de possessivos e de *uns!* , ironiza Mário de Andrade (1988, p. 33), em 1924, enquanto complementa: “Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa , “Você faça um esforcinho para abrasilizar-se (ANDRADE, 1988, p. 22-31). Como se nota, o poema em tela reflete, em vários aspectos, “a lição do amigo .

A decorrente preocupação drummondiana (e modernista) com a expressão da genuína alma brasileira reflete-se também na adoção de uma linguagem coloquial de cunho popular, com expressões tais como “sem-vergonha , “cambalhota , “queixar o desprezo da morena , “mete a língua no governo , “e no fim dá certo . Recusa-se, dessa forma, a língua européia, “uma língua de farrapos , pois, “de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa . A dicotomia entre popular/brasileiro e erudito/europeu encontra-se na primeira carta de Mário a Drummond, datada de 1924, em que se discorre sobre o prazer de fruir a linguagem genuinamente brasileira: “E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! (ANDRADE, 1988, p. 22).

Por outro lado, o ufanismo característico dos Românticos e da virada do século cede lugar a uma melancolia cuja fonte deve ser procurada junto à natureza-madrasta, e não mais a Mãe Natureza tão decantada anteriormente: “A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta // sombra mole, preguiçosa . Nessa hipálage em que uma marca da indolência do povo brasileiro a preguiça contemplativa de Macunaíma é transferida aos elementos da Natureza, nota-se a preocupação em se evitar os mascaramentos literários em proveito da elaboração de um retrato autêntico e não populista do caráter nacional. A mesma hipálage está presente em “córrego vagabundo , e essa idéia vem “explicada (conforme o título do poema) nos versos “Quem me fez assim foi minha gente e minha terra // e eu gosto bem de ter nascido com essa tara . A ausência de caráter ironizada por Mário na figura de seu Macunaíma é

retomada por Drummond no verso “Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só , que esse é um povo passivo e ordeiro que apenas “lê o seu jornal enquanto sofre sob o influxo dos acontecimentos, sem ao menos esboçar uma participação realmente engajada.

O caráter ambíguo ou polivalente do povo brasileiro, nascido da fusão de múltiplas etnias e culturas, reflete-se na mordaz indecisão sobre a identidade nacional, indecisão que oscila entre o regional e o universal, entre o passado e o futuro, entre o urbano e o rural, entre o simples e o complexo, entre o arcaico e o moderno: “No elevador penso na roça, // na roça penso no elevador , explica-se um eu-lírico tomado de dúvidas, atraído simultaneamente pela “casa de nove andares comerciais e pela “casa colonial da fazenda . A plurivocidade do espaço brasileiro fora anteriormente representada por Mário em seu *Macunaíma*, cujo rótulo de “rapsódia já anuncia a construção de um espaço homogêneo a partir de elementos heteróclitos; dito de outra forma, a rapsódia macunaímica prenuncia, mais uma vez, as conhecidas teses de Julia Kristeva que pressupõem “todo texto como um mosaico de outros textos .

Ademais, as páginas de *Macunaíma* trazem, além dos heróis que representam as três etnias básicas do *melting pot* brasileiro, a justaposição lúdica e emblemática de uma profusão de elementos de natureza distinta, pois aí são nomeadas inúmeras espécies da fauna e da flora, provavelmente desconhecidas do leitor citadino, simultaneamente ao emprego dos mais diversos registros de discurso, do erudito ao chulo, dos estrangeirismos aos regionalismos, dos termos científicos à gíria. Essa condição híbrida (ou oximórica) é também a que caracteriza o poema “Explicação , a começar pelo próprio título, visto que é próprio da poesia apenas sugerir, e evitar as explicações que são o apanágio dos críticos: o metapoema assume a condição antinômica de enigma e de decifração do enigma, ainda que de uma forma apenas ilusória.

Conclusão

No poema “Explicação , observa-se uma nítida homologia entre a produção poética de Drummond e a produção epistolar e literária de Mário de Andrade. Drummond soube reformular, no cadinho da criação poética, certas concepções anunciadas por Mário em diversos de seus escritos. Na influência do “ensino cantante do poeta paulista não houve, é certo, nenhuma pretensão ao proselitismo de mentor ou de líder intelectual, mas também é certo que, na despretensão, Mário de Andrade soube cativar o jovem Drummond, fortalecendo-lhe as naturais inclinações líricas e intelectuais.

Ora, se os indivíduos são “fruta de alguma coisa , segundo afirma Mário de Andrade ao estreante Drummond, a grande árvore literária ramifica-se, alimenta-se da seiva desses autênticos representantes do pensamento nacional e continua dando nascimento a novas frutas. Por exemplo, se Guimarães Rosa anota em suas cadernetas que Mário e Carlos estão entre os dez maiores autores da literatura brasileira, é possível depreender o quanto o autor de *Grande*

Sertão: Veredas deve à mundividência revelada pelos dois poetas amigos. Tal como afirma Marinho (2001, p. 184), será bem mais do que uma simples coincidência o fato de que um dos jagunços que combatem ao lado do bardo Riobaldo chama-se, exatamente, Drumão.

RUSSEF, I.; MARINHO, M. DRUMMOND, MÁRIO DE ANDRADE AND THE IDENTITY OF *TERRA BRASILIS*: SOME FRICTIONS BETWEEN THE AXLE AND THE WHEEL

Abstract: Nowadays, studies about artists and intellectuals mutual influences are seen as a privileged subject with regard to identity and cultural researches. Brazilian and international critical historiography is rich in such annotations. A great number of essays try to identify the mutual sources in which the local intelligentsia has quenched its thirst. In the present study, the goal is identify, through the work of Carlos Drummond, some nationalist poetic ideas taken from epistolary texts written by his friend Mário de Andrade, eventually published by Drummond under the emblematic title *A lição do amigo*.

Key-words: Carlos Drummond de Andrade; Mário de Andrade; Intertextuality; Identity.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Martins, 1979.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: Lorenzo, Helena de; Costa, Wilma Peres (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.

MARINHO, Marcelo. *Grnd Srt~: Vertigens de um enigma*. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2001.

